O Brasil passou por uma disputa eleitoral muito acirrada em que a maioria dos eleitores optou, no segundo turno (25 out. 2026), por um novo mandato presidencial de Lula da Silva. O resultado deste segundo turno no Brasil renovou as esperanças da esquerda mundial na sua oposição às políticas neoliberais de austeridade econômica e aos movimentos de extrema direita ao redor do mundo.

Aqui no Brasil muitos analistas dizem que a população brasileira é majoritariamente conservadora e que as vitórias eleitorais da frente liderada por Lula da Silva são apenas acidentes decorrentes da tal "polarização política". Mas este tipo de proposição não explica muito bem o que vem ocorrendo nos processos, nas situações e nas subjetividades.

É bom contextualizar que o Brasil vem passando por um longo processo de desindustrialização. O peso da indústria na economia do país (PIB ou GDP) foi de 48%, em 1985, para aproximadamente 23% em 2025. Mesmo com o grande avanço do agronegócio e da indústria extrativista, estes setores não são os mais relevantes na composição do PIB brasileiro e não trazem benefícios para a maior parte da população brasileira. Como bem destacou o professor Sérgio Costa:

> […] *"economias exportadoras de matérias-primas levam à formação de sociedades marcadas por desigualdades sociais profundas e duradouras, como mostram séries estatísticas de longa duração."* (Costa 2025: 100)

As classes baixas e as classes emergentes, que dependem exclusivamente de renda proveniente de trabalhos formais e informais, estão concentradas no setor terciário brasileiro, nas atividades de comércio e de prestação de serviços com baixa remuneração. Não há mais uma grande classe operária da indústria que tinha renda capaz de suprir todas as suas necessidades básicas. Os filhos e os netos dos antigos operários provavelmente não conseguem manter o mesmo padrão de vida de seus pais e avós, e consequentemente isto tem gerado muita frustração.

> […] *"O caso das classes médias, por sua vez, mostra como as aflições, sejam aquelas geradas pela perda de eficácia dos mecanismos diversos de manutenção de sua condição de classe média estabelecida, sejam aquelas motivadas pela volatilidade da condição de classe média emergente, geram sofrimento social e hostilidades de classe."* (Costa 2025: 150)

De um modo geral, não houve uma geração massiva de empregos qualificados para absorver os trabalhadores que possuem formação técnica ou superior. Mesmo com o combate efetivo à pobreza extrema e com a ampliação dos programas sociais e dos diversos serviços públicos, não houve um processo de distribuição efetiva da riqueza gerada no país.

Por conta da ausência de movimento no sentido da reindustrialização do Brasil, ausência de geração massiva de empregos qualificados e ausência de distribuição efetiva da riqueza, eu tendo a discordar dos analistas que entendem que houve redução das desigualdades, entre 2003 e 2016, durante os governos petistas de Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Por exemplo, o professor Sérgio Costa foi mais cauteloso na sua análise sobre o período, afirmou que houve apenas uma redução limitada das desigualdades e que ela "não se mostrou sustentável" (2025: 25).

Independentemente de se considerar que houve alguma redução limitada das desigualdades ou nenhuma, o fato é que os programas sociais e os serviços públicos criados ou ampliados pelos governos petistas contribuíram para a melhoria das condições de vida da população brasileira. No entanto, os avanços sociais são paliativos que reduzem ou atenuam alguns danos causados pela onda neoliberal global, pela desindustrialização precoce, pela precarização do trabalho, pela reprimarização da economia, pela financeirização acelerada, e pela contínua acumulação da riqueza do país nas mãos de um pequeno grupo. Como diria o professor Chico de Oliveira (1933-2019): "a expansão do capitalismo no Brasil se dá introduzindo relações novas no arcaico e reproduzindo relações arcaicas no novo" (Oliveira 2003: 60).

Mesmo com todos os avanços sociais, grande parte da população brasileira ainda permanece numa situação de vulnerabilidade, de incerteza ou de alguma volatilidade das condições sociais. Neste contexto, muita gente fica extremamente frustrada diante dos discursos ufanistas e um tanto irrealistas a respeito das políticas sociais implementadas pelos governos petistas.

A extrema direita soube aproveitar a frustração difusa da população. O seu discurso ultraliberal que coloca todo o aparato estatal como a principal fonte dos problemas sociais acabou ganhando muita força persuasiva e foi acolhido por grande parte da população brasileira.

Flávio Bolsonaro, o candidato derrotado da extrema direita, propôs um grande tesouraço ou

corte dos gastos públicos durante a disputa eleitoral de 2026. Ou seja, a extrema direita continua propagando a ideia de que o Estado brasileiro está inchado, que a Constituição Federal é uma vilã, e tudo isto estaria prejudicando a população brasileira. Trata-se de uma ideia que vai ao encontro da frustração difusa da população e que também agrada os setores da elite rentista e do mercado financeiro.

Diante do conservadorismo, da tal frustração difusa, das ideias ultraliberais, de toda propaganda ultraliberal disseminada pela imprensa brasileira e da defesa reiterada dos cortes de gastos públicos, das privatizações e da redução dos direitos sociais, por que a maioria dos eleitores optou por um novo mandato presidencial de Lula da Silva?

Talvez seja o momento da opinião pública admitir que a população brasileira é majoritariamente favorável às medidas para reduzir as desigualdades e para ampliar os direitos sociais. Por exemplo, 80% dos brasileiros apoiam redução da jornada de trabalho e o fim da escala 6×1, 84% aprovam isenção do Imposto de Renda para trabalhadores pobres, e 70% apoiam taxar renda dos bilionários.

Provavelmente foi mais uma lição de bom senso da população brasileira, ela se deu conta de que as propostas da extrema direita não vão no sentido de defender seus direitos e seu bem-estar. A população brasileira se deu conta de que os avanços sociais são pequenos porque há muita pressão do poder econômico querendo tomar todo o orçamento público para si. E, neste cenário, a população brasileira se deu conta de que a extrema direita não é uma boa opção, porque ela está propondo a destruição de tudo. Ou seja, a população brasileira quer um país melhor, não quer simplesmente a destruição de tudo.

* Imagem utilizada: imagem de domínio público “Gesto L” (*Wikimedia Commons*).

Referências

Costa, S. *Desiguais e divididos:* uma interpretação do Brasil polarizado. São Paulo: Todavia, 2025.

Dowbor, L. *Resgatar a função social da economia:* uma questão de dignidade humana. São Paulo: Elefante, 2022.

Fiorotti, S. “O ano de 2025 e a esperança de um mundo mais justo.” *A Pátria,* Funchal, 09 jan. 2026.

Nascimento, H. “Peso da indústria no PIB [produto interno bruto] cai no pós-redemocratização.” *Poder 360,* Brasília, 15 mar. 2025.

Oliveira, F. *Crítica à razão dualista / O ornitorrinco.* São Paulo: Boitempo, 2003.